

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2,500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1,250 rs.; trimestre ou 13 numeros 600 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 21 DE MAIO DE 1882 — N.º 13 —

GERENTE-PROPRITARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7,000 réis; semestre ou 26 numeros 4,000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2,000 rs.; avulso 200 rs

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—Os contrabandistas hespanhoes. A igreja do Santissimo sangue em Bruges. Edeipe e Antigone. O homem sem pernas (gravura do romance) TELTO:—Actualidades, por Tékél. As nossas gravuras por P. C. Uma noite nas nuvens, traducção de Julio de Magalhães. Rosicler, por Souza Monteiro. Horas de ocio. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

A semana que passou poderia com soffrivel razão chamar-se:—semana do syndicato. Isto não quer dizer que elle, o syndicato, lograsse occupar as atten-

clusão natural d'este facto, parece-nos ser esta: — é possivel que o caminho de ferro de Salamanca não seja um negocio, por ahialem, para este pequeno paiz chamado Portugal; é possivel; — mas, para a administração das empresas jornalisticas foi de

damente. Ninguem o leu. O excesso da oferta affastou a procura. Depois, o publico está um pouco de pé atraz com os papeis que se dirigem «Ao paiz» em normando n.º 15.

Tambem a natural modestia do nosso povo con-



OS CONTRABANDISTAS HESPANHOES

ções de Lisboa desde Alcantara até Santa Apollonia. Não. Mas, em compensação, logrou occupar as columnas de todos os jornaes desde a *Revolução*, o mais antigo, até ao *Figaro*, o mais moderno. A con-

truz, o que se chama, — de truz. E para mais ninguem, diga-se desde já. Se aquelles a quem convem a construcção da via ferrea de Salamanca julgam que o publico leu o tal relatório, enganam-se redon-

corre, talvez, para que minguem leitores a esse genero de publicações. Entende o povo que seria acto de grande vaidade ler qualquer coisa dirigida «ao paiz». Elle, coitado, não tem as farroncas de

Luiz XIV, ou semelhantes, elle bem sabe que não é o paiz. O paiz, o bom povo não o ignora, o paiz... são os outros. Portanto, que os outros leiam o tal relatorio.

Mas, deixando considerações que não são para aqui. D'esta cheia do syndicato, resultou uma bella semana de férias para os redactores dos jornaes. Que rica semana! dirão elles d'aqui a tempos, recordando-se d'esses bellos seis dias de sueto. Se foi! Não escreveram uma linha, suas excellencias. Escrever para quê? se não havia espaço, nenhum espaço, nem uma nesgashinha para uma simples noticia.

Os notabilissimos concertos regidos pelo maestro Colonne quasi não foram fallados na imprensa: o septimino de Beethoven vio-se sacrificado pelas cartas dos negociantes da praça do Porto ao sr. ministro das obras publicas. Onde se devia ler:—aquella suavissima musica que transporta a alma ás mais puras regiões do bello,—lia-se:—*A Societé Financière* interessada nas linhas da Figueira a Villar Formoso e de Salamanca a Medina del Campo...

Mas, nem só os concertos passaram despercebidos:—Os carros Ripper, uma das grandes novidades da semana, apenas mereceram escassas linhas, menos das que é costume escrever a proposito de qualquer menino approved no seu exame de instrução primaria.

Se se lembram de apparecer n'outra epoca, apanhavam o bello folhetim, figurariam nas chronicas, e, — quem sabe? — o artigo de fundo recebel-os-hia no seu seio. E, — vamos, — não seria de mais. Sempre que n'uma cidade se introduz um novo e grande melhoramento material, corre á imprensa o indeclinavel dever de o celebrar em longos e bem elaborados artigos. É esta, pelo menos, a opinião de Acacio, o conselheiro.

Até a pobre Emilia dos Caniços que d'esta vez, infelizmente, morreu a valer, foi victima do syndicato. Ninguém se lembrou de lhe fazer necrologio: ou lembrar-se-hiam, — mas onde publical-o? Os jornalistas, ás vezes, são elasticos; ainda, porem, não conseguiram passar essa boa qualidade aos jornaes.

E ella, coitada, merecia-o, merecia o necrologio. Era bonita, nova, alegre, tres bellezas. A estas prendas, todas de primeira qualidade, juntava a de ser popular, a mais rara e difficil de todas as prendas.

Pois, morreu e não teve necrologio. É que não soube morrer a tempo.

Julio Janin conta o caso de um actor francez o Armand, — *un joli homme, disant bien la comedie*. Era muito querido e estimado este Armand. Um dia correu a noticia de que ella morrera. Foi n'um sabbado: os folhetins n'esse tempo publicavam-se, geralmente, ao domingo. A semana corra esteril, verdadeira semana de vacas magras... Os folhetinistas roiam as unhas até ao sabugo d'um fio de assumpto... Corre o boato da morte do Armand... Os folhetinistas—oh! que bandidos!—rejubitam, clareiam-se-lhes os aspectos, illumina-se-lhes o olhar. Agarram-se á morte do Armand, e consagram-lhes interminaveis columnas da mais sentida e desolante paixão...

Por signal que o Armand ficou altamente commovido ao ler todos esses artigos. Passados doze annos, torna o Armand a morrer, d'aquella vez a sério. Mas, que desastrado! morreu n'uma segunda feira, n'uma semana fecunda, semana de vacas gordas, cheia de peças novas, concertos, corridas... Ninguém disse uma palavra do Armand.

Foi o que aconteceu com a pobre Emilia dos Caniços. Quando correu o boato de que ella morrera, raro foi o jornal que não lhe consagrou uma ou duas

dúzias de linhas... Morre a valer... nem palavra!

Ah! é que Julio Janin tem razão:

— *Il faut mourir à temps, si l'on veut faire un dernier bruit au monde des vivants.*

Morrer na semana do syndicato, não é de certo *mourir à temps*.

*

—Deixando o syndicato.

Como se sabe o sr. governador civil de Lisboa continua na sua guerra de exterminio contra a verdadeira ou supposta hydra da anarchia ou de papelão. Não sabe ao certo de qual d'estas duas substancias é ella feita. Agora, — implacavel o sr. governador civil — agora quer decepar-lhe uma das suas mais terriveis e formidolosas cabeças, — aquella celebre cabeça feita ha um bom par de annos por um sujeito chamado Rouget de Lisle que dá pelo nome de marselhesa. (Eu escrevo com *m* pequeno porque receio que o emprego do *M* maiusculo me leve aos tribunaes).

S. Ex.^a o sr. governador civil acaba de prohibir que esta cabeça seja ouvida nos botequins, quer arranhada nos pianos, quer moida nos realejos, soprada nos trombones, ou guinchada nos flautins.

Alguns dirão que esta medida de s. ex.^a é uma medida oppressora. Eu não digo tanto. Em todo o caso parece-me muito mais medida de peso, do que medida de capacidade.

Os resultados praticos d'esta prohibição de s. ex.^a não são facéis de prever. A marselhesa (sempre com *m* minusculo por causa das duvidas) expulsa dos pianos dos botequins, e das trompas das philarmônicas, é natural que procure abrigo seguro onde, fóra da jurisdicção do sr. governador civil, possa fazer ouvir-se por toda a gente.

De modo que o remedio de s. ex.^a não é sufficientemente effcaz. E comtudo existe um meio, bem simples, e bem pratico, de fazer com que na cidade de Lisboa não seja ouvida a *tal musica* n'um piano, n'uma rebeca, n'uma flauta, ou n'um cornetim. Basta que em vez de s. ex.^a prohibir a marselhesa (sempre com *m* minusculo) prohiba os pianos, as rebecas, as flautas, os cornetims...

Hão de concordar que é muito mais... radical.

TEKEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

Os contrabandistas hespanhoes

Suppoz-se por algum tempo que o pittoresco morrera na Hespanha, mas os acontecimentos estão provando exactamente o contrario. Imaginou-se que os bandidos da Serra Morena, os contrabandistas armados em guerra, de traje pittoresco, tinham desaparecido, mas a verdade é que ainda existem em todo o seu esplendor, a ponto de que, não ha muitos annos, os comboys de viajantes eram assaltados em pleno caminho de ferro, e levavam-se para as montanhas prisioneiros que os bandidos punham a resgate, como succedeu até a um moço portuguez. Contrabandistas e bandidos gosavam e gosam ainda hoje de um certo prestigio, porque effectivamente não ha nada como a rhetorica para produzir effeito.

Um gatuno assalta-nos ali n'uma rua escusa de Alfama, e de navalha em punho arranca-nos a bolsa

e o relógio. Veste uma blusa enxovalhada, usa um chapéu molle ou um barrete de saloio, o habil Antunes vai-lhe na pista, agarra-o, catrafilo-o no Limoeiro, ferra com elle depois na Boa-Hora, e ninguém se occupa do gatuno senão os jurados, que mandam o homem para a costa d'África. Na estrada de Madrid a Sevilla um patife, pittorescamente vestido, de bacamarte, jaleco e cinta, chapéu andaluz, intima-nos a pôr para ali quanto levamos sob pena de nos desfechar um tiro, é um banido, um proscripto da sociedade, um Karl Moor, um protagonista de romance, um typo querido dos pintores, um heróe dos sonhos das donzellas romanescas, tudo por causa do fato, e rhetorica dos alfayates.

Esses contrabandistas, que a nossa gravura representa, se se armassem de facas e de revolvers, e fizessem entrar furtada aos direitos uma carregação de odres de vinho e de azeite para dentro de Lisboa, esfaqueando e estendendo uns guardas de alfandega, que se defenderiam como poderiam, eram uns pilhas, uns gatunos, uns canalhas que o jury condemnaria sem hesitar, e que nenhum pintor se incommodaria a ir ver á Boa Hora; mas uns contrabandistas elegantemente vestidos, acompanhados por mulheres bonitas, passando, em vez de odres de vinho, rendas de Valenciennes, são uns sujeitos pittorescos, cuja desapareição a arte extraordinariamente lamentaria, figuram nas paginas das illustrações, e tem até hoje a honra da primeira pagina do *Jornal do Domingo*. Se nós lhes apresentassemos uma photographia de uma das salas do Limoeiro, os leitores revoltavam-se, não é assim? mas apostamos em como acolhem com entusiasmo esta pagina pittoresca? Oh! a rhetorica! D'antes estes patifes até eram cantados em verso! o pirata! o contrabandista! o salteador! Era tudo isto uma sucia de personagens interessantes.

A Hespanha é principalmente conhecida no mundo pelos seus contrabandistas, pelos seus salteadores da Serra Morena, e pelos seus toureiros! O mundo artistico nem mesmo chega a comprehender a Hespanha sem larapios! E queixam-se os mesmos que vêem com applauso estas e outras gravuras de não receberem juro dos fundos hespanhoes! Mas é necessario que nos entendamos! A Hespanha ou hade ter contrabandistas bem vestidos, ou hade ter dinheiro nos cofres das alfandegas para pagar os juro da sua divida. Os contrabandistas nem vivem do ar, nem se vestem de cantigas. Ou querem pittoresco, ou querem juro. O leitor viu, gostou? Pois ahí estão os sujeitos que mettem na algibeira o dinheiro que o sr. Camacho de outra forma podia applicar ao pagamento da divida! Amigos e senhores! Ou pittoresco, ou juro! Escolham.

A Igreja do Santissimo Sangue em Bruges

(Exterior e interior)

A capella do Santissimo Sangue, em Bruges, era dedicada outrora a S. Basilio e mudou de nome quando Thierry d'Alsacia, conde de Flandres, a fez reconstruir em 1150, para lá depôr um frasquinho contendo, dizia elle, algumas gotas do sangue de Jesus Christo.

Esse sangue, expremido da esponja que servira para lavar o corpo do Salvador, fóra dado ao principe flamengo pelo patriarcha de Jerusalem.

O relicario, que encerra o frasquinho de cristal, e que está representado na nossa segunda gravura, tem a forma de um templo; é um trabalho notavel d'ourivesaria, parte em ouro, parte em prata dourada, incrustado de pedras preciosas, e que foi exe-

cutado em 1617 por J. Crabbe, almotacé de Bruges. Depositado na capella que Thierry d'Alsacia fizera erigir com esse fim, a preciosa reliquia conservou-se até aos nossos dias, atravez das revoluções e das guerras de toda a especie.

A capella do Santissimo Sangue tem dois andares: o inferior, sustido por columnas massiças, data do seculo XII; a parte superior é igualmente muito antiga e foi restaurada ha uns quarenta annos. A torre é uma especie de minarete d'uma forma muito original; mas o que agrada sobretudo, é a fachada, construida em 1533 no estylo ogival flammejante: é formada de tres porticos sobrepostos e executada em pedras azues. Na capella superior d'este oratorio, notam-se alguns quadros dos Pourbus, de Van Oost o velho e de Gaspar de Crazer.

Edipo e Antígona

Conhecem a historia de Edipo? Em brevissimas palavras lh'a vamos referir.

Edipo era filho de um rei de Thebas, chamado Laio e de sua mulher Jocasta, rainha da sobredita cidade. Quando nasceu o pequeno, consultou-se o oraculo, e o oraculo declarou que esse garoto, que berrava como um possesso nos braços da ama, robusta camponesa grega de seios uberrimos, havia de matar seu pae e de casar com sua mãe. Laio achou que o futuro do rapaz era pouco promettedor, e Jocasta, nutrido a sensata resolução de se consolar com algum *pollo* de Thebas, da viuvez em que a deixaria mais tarde ou mais cedo o seu prezado esposo, encarou, já se vê, com o mais sagrado horror a perspectiva de ser destinado para esse papel de consolador seu proprio filho. Trataram por conseguinte um e outro de se desfazer do pequeno. Um e outro, não dizemos bem. Laio é que estava empenhado no caso. Jocasta, como terna mãe, jurava a seu esposo que, não tendo tenção de contrahir segundas nupcias, não corria perigo de casar com o filho mesmo por engano. Laio em todo o caso, pelo sim, pelo não, achou que era melhor torcer o pescoço ao rapaz. «De pequenino se torce o pepino», dizia o rei de Thebas em grego á sua chorosa consorte, e um pastor de confiança foi encarregado de ir para o monte Cytheron fazer a operação.

Reflectamos no caso, e vejamos a asneira: ou o oraculo tinha valor sobrenatural ou não tinha, ou era a expressão da vontade inabalavel dos deuses ou não era. No segundo caso rissen-se do charlatanismo, no primeiro caso curvassem a cabeça e resignassem-se. Tinha razão o oraculo? Debalde iriam contra as suas ordens; se cortassem Edipo em bocadinhos, em menos de cinco minutos estava Edipo outra vez reconstituído como os fantoches de Holden, se affogassem Edipo, estava d'ahi a pouco Edipo enxuto na praia, se inventassem a polvora de proposito para lhe dar um tiro, Edipo apanhava a bala na mão e era capaz de matar o pae com ella. Era evidente e claro, mas Laio podia dizer-se um pedaço d'asno classico, pertencia áquelle grupo de idiotas que foram semi-deuses e heróes no tempo em que essas coisas se obtinham sem concurso: era da raça dos reis gregos que foram cercar Troya para apanhar uma mulher roubada, coisa que os sabinos, já mais espertos, não fizeram para apanhar duas mil, d'aquelles reis gregos enfim que andaram dez annos no Mediterraneo á procura de Ithaca, saindo da Asia Menor, que é como quem diz andam' um barco do cães do Sodré á procura de Cacilhas desde Abrantes até S. Julião. Enfim adiante!

O pastor pegou na pequeno, e levou-o para o monte Cytheron, afim de que as feras, o trincassem; mas as feras, que já tinham recebido de Jupiter o santo e a senha, em vez de o trincarem lamberam-no, enquanto o pastor de Laio, ou criado particular, ou que diabo elle era, fugia a sete pés, porque as feras, que só estavam avisadas com relação ao rapazito, queriam-se vingar do jejum forçado, comendo umas costeletas de criado particular de um rei. Não o apanharam e tiveram de resignar-se a ficar em jejum natural, até passar por ali algum camponez imprevisito. Não chegaram porém á perfeição de servir de amas de leite ao pequeno, e quem se encarregou d'esse trabalho foi uma pastora compassiva que recebeu um subsidio da Santa Casa, e o creou na doce ignorancia de que estava criando ali um herdeiro presumptivo do throno de Thebas.

Um bello dia Edipo quiz ir viajar. Pegou no seu bordão e elle ahi vai, tendo-se esquecido completamente de comprar bilhete na estação do caminho de ferro mais proxima. Bom *pedestrian*, Edipo deu uma boa caminhada até que se encontrou n'uma noite n'um carreirinho estreito com um sujeito teimoso. Arreda para a direita, arreda para a esquerda, passo eu, passas tu, palavra puxa palavra, o sujeito esquentava-se apesar de velho. Edipo sente a mostarda no nariz e comichões na palma da mão. Zaz! traz! Edipo arruma tamanha bofetada na fronte veneravel do ancião teimoso que o estende morto no meio do chão. Edipo nunca esperara semelhante coisa, mas tinha a mão pesada como o diabo, calculou mal as distancias e ahi temos o velho virado. O joven Thebano pediu mil desculpas ao velhote que lhe não poudé responder por muitas razões, sendo uma d'ellas o achar se morto, e seguiu para diante.

Quem era este sujeito? Laio, o rei Laio! Nem mais nem menos. Entregamo-nos a profundas investigações para ver se conseguimos saber o motivo porque sua magestade andava fóra do palacio, por montes e valles, tomando o caminho aos transeuntes. Que sua magestade simplesmente tivesse a mira no religio dos viajantes que penetravam nos seus Estados, intenção nos parece que se não acha muito d'acordo com os bons costumes d'um rei de Thebas, a não ser que sua magestade, depois de ter tido tres mil guardas a pé, muitos guardas a cavallo e tres inspectores de fiscalisação externa, achando-se cada vez em Thebas com mais tabaco furtado aos direitos, entendesse que o mais economico seria despedir a fiscalisação externa, e ser elle o proprio guarda de alfandega dos seus reinos. N'esse caso Edipo seria simplesmente um contrabandista, e Laio uma victima dos deveres de rei e de guarda de alfandega. Se esta suspeita tem alguma coisa de verdadeira, os leitores perceberão que é este o ensejo propicio de se exclaimar: *Et voilà comme on écrit l'histoire!*

Seguiu Edipo o seu caminho e chegou a Thebas, onde já nem se pensava no rei. Uma esphinge estabelecera ás portas da cidade um *Jornal do Domingo* d'esse tempo, abriu uma secção intitulada *Horas de Ocio* e ali propunha problemas aos habitantes da terra, com uma circumstancia, porém, que nós não imitamos, é que dava cabo de todos os assignantes que não adivinhavam os problemas! O que diria a nossa gentil *Mascotte* (deve ser gentil por força) se nós cravássemos um dente assassino na sua mimosa pelle, só pelo facto de ella não ter adivinhado a charada da *Carmelita*? Pois assim d'esse modo altamente censuravel procedia a esphinge que era nem mais nem menos que um Augusto Garrido ante-historico, usando dos mais criminosos processos para fazer re-

clame ao jornal. Já um numero incalculavel de Thebanos tinha ido para os anginhos por não saber adivinhar charadas quando Edipo appareceu, não o nosso Edipo fiel que tambem faria o mesmo se necessario fosse, mas o Edipo authenticico, o antigo, o grande, o filho de Laio que já matára o pai sem dar por isso. Apparece e encaminha-se terrivel para a esphinge. A esphinge rangeu os dentes e disse:

—Edipo, branco é, galinha o pœ?

—É um ovo, respondeu Edipo.

A esphinge vencida fugio, e Edipo foi reconduzido em triumpho á cidade.

As más linguas disiam depois:

—Não havia nada mais facil! Um ovo! Isso tambem nós sabiamos!

E Edipo respondia gravemente:

—É o ovo de Colombo!

E, como os Thebas olhavam para elle legitimamente espantados:

—Colombo é um celebre genovez que hade descobrir a America d'aqui a coisa de dois mil annos!

Que recompensa dariam a Edipo? Casal-o com a rainha. Consta que o joven ex-pastor fizera a sua careta quando se achára em presença de D. Jocasta, quarentona rechonchuda, que baixava os olhos, e fazia um esforço extraordinario para córar, mas resignou-se e casou.

Zás! Tinha casado com a mãe e tinha morto o pae! Livrem-se lá de uma d'estas!

Tres filhos nasceram d'este par feliz, até que os deuses se resolveram a fazer um estardalhaço espantoso por causa d'aquelle maroto, que matára o pae e que desposára a mãe, de quem tivera filhos, que eram netos da mãe e irmãos do pae, constituindo assim o mais complicado de todos os parentescos. Começaram os deuses a berrar que não se podia tolerar um figurão assim, e ahi vai Edipo cego, encostado a Antígona, perseguido por toda a parte pela colera dos deuses, victima da mais olympica patifaria de que ha memoria!

É necessario que um homem se compenetre muito do espirito fatalista dos antigos gregos para comprehender a grandeza d'este mytho! É necessario que se perceba que aos decretos da Fatalidade ou do Destino os proprios deuses se sujeitavam, e que Edipo era uma especie de paria, victima inconsciente das coleras cegas do *Fatum*, para que se perceba tambem o que ha de piedoso, de meigo, de suave, no vulto da filha, d'essa pobre criança que presta o amparo do seu braço debil ao velho cego que os proprios elementos repellem, e que leva a desgraça consigo, que se curva desalentado e humilde aos golpes d'essa terrivel *Analkh* que Victor Hugo ainda cantou. Essa tradição, quasi incomprehensivel para os nossos espiritos educados na moral christã, é o assumpto do quadro de que a nossa gravura é copia. P. C.

UMA NOITE NAS NUVENS

POR

EMILE SOUVESTRE

VERSÃO PORTUGUEZA

DE

JULIO DE MAGALHÃES

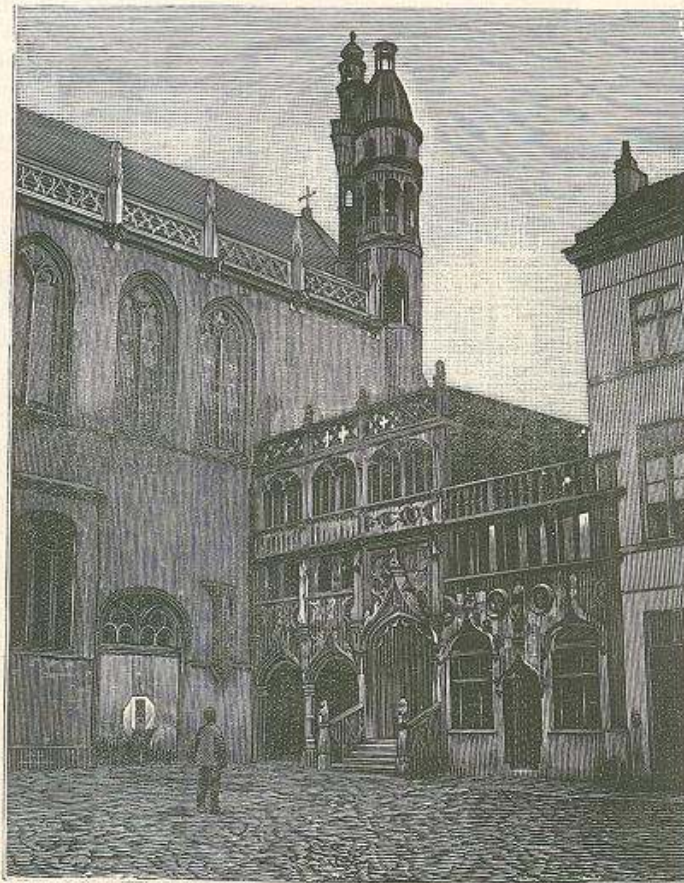
I

Estamos em um domingo do mez de agosto. O sol acabava de esconder-se por detraz das montanhas,

deixando o horizonte iluminado com uns acesos clarões, que a pouco e pouco esmoreciam. Uma parte da população de Manheim, depois de haver passado o dia nos campos, dirigia-se em alegres grupos para a cidade. Todos os jardins, ultimamente estabelecidos nos terrenos das fortificações destruídas, estavam agora desertos e silenciosos, á excepção de um unico onde se ouvia ainda o sussurro de muitas vozes e o som dos instrumentos.

Era o chamado *Jardim da Cabana*, celebre n'esse tempo em Manheim pelos seus bailes campestres, pelos seus fogos de artificio, e, principalmente, pelos seus aerostatos captivos.

Com quanto fosse já antiga a descoberta dos irmãos Mongolfier, só muito modernamente se pensára em a utilizar como meio de divertimento; mas tão universal e rapidamente fôra adoptada em toda a Alemanha aquella applicação dada aos balões, que todos os jardins publicos offereciam aquelle genero de diversão aos seus frequentadores, para os quaes uma ascensão passára a ser uma distracção tão simples e tão pouco temida como um passeio no Rheno.



Vista exterior

Verdade é que aquellas viagens aeas eram curtas, e pouco ou nenhum perigo offereciam. Solidamente amarrado por meio de cordas, que se alongavam ou encurtavam, á vontade, o balão elevava-se apenas á altura desejada pelos aeronautas, e em geral, mesmo nas ascensões mais temerarias e ousadas, nunca excedia o cimo das arvores.

A multidão tinha abandonado os sitios mais affastados do jardim, e corraera a agglomerar-se na grande explanada, onde se achava preparado um fogo de artificio. Momentos depois de ficarem desertos os caramanchões e as ruas lateraes do jardim, appareceu na extremidade de uma das abas um homem dos seus quarenta annos, conduzindo pelo braço uma formosa rapariga. Os dois recémchegados caminhavam lentamente e com o olhar fixo na terra, como pessoas dominadas por uma qualquer preocupação seria.

Depois de alguns momentos de silencio, o homem levantou vivamente a cabeça, e disse, acompanhando as palavras com um gesto energico:

— Não, Florencia, não! Enquanto viver, nunca poderei perdoar a Christiano Loffman a pertinacia, com que me tem disputado a herança de meu primo! Deus sabe bem, que ella não constitue para mim uma simples doação de mão beijada, mas sim uma pe-



A IGREJA DO SANTISSIMO SANGUE EM BRUGES

Vista interior

quena indemnisação por o que me devia o morto.

—Mas bem vêes, meu pobre Miguel, que a justiça só pôde avaliar as questões segundo as provas escritas, que lhe são apresentadas, observou a irmã de Miguel Ritter. Se a dívida estivesse declarada no testamento...

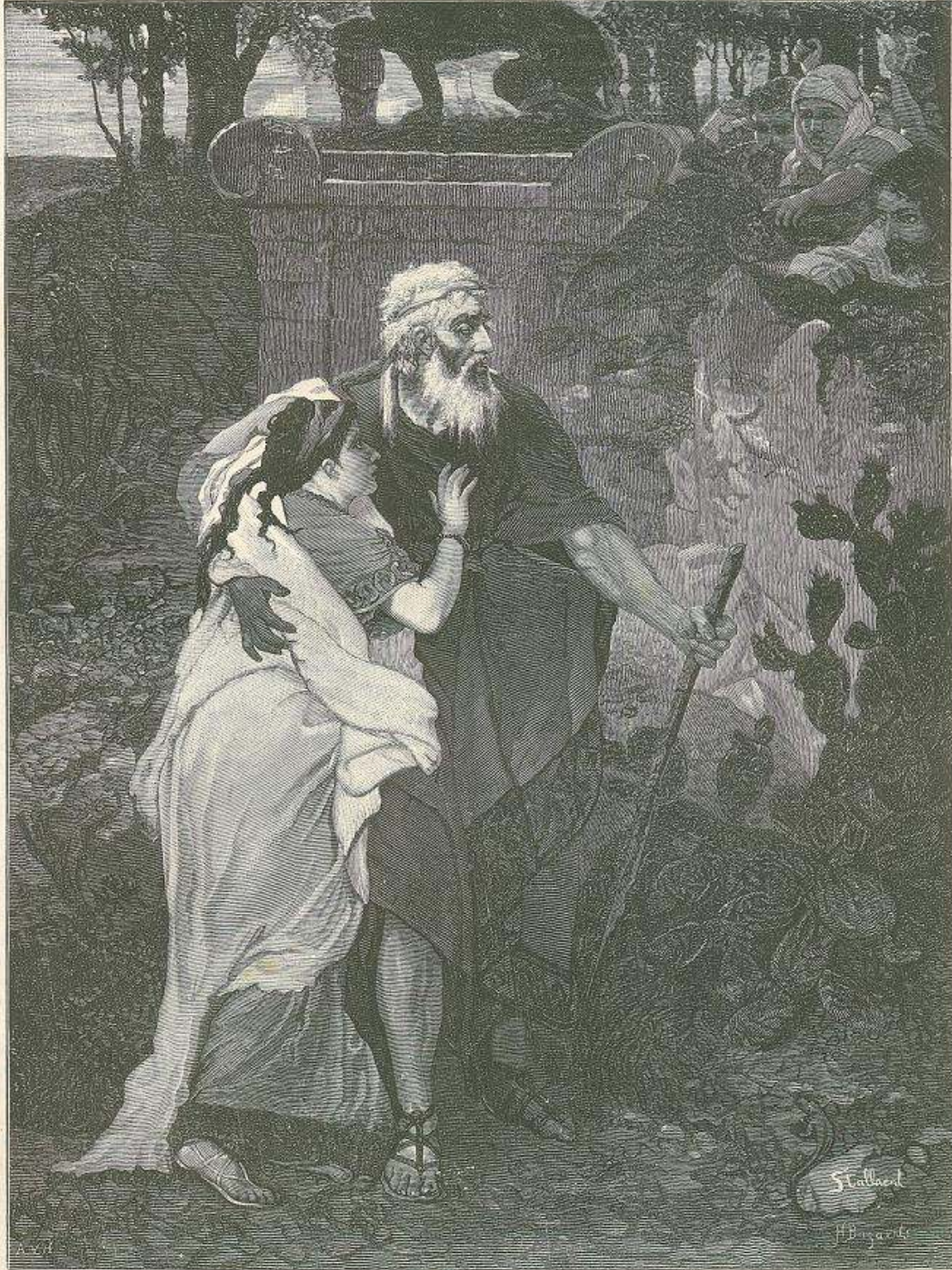
— Ah! como não estava, atalhou Ritter, e pelo facto de não ter eu exigido um documento legal d'es-

o seu companheiro. Quem sabe? talvez essas dúvidas sobre a nossa probidade lhe fossem inculcadas no espirito por uma qualquer pessoa mal intencionada...

—Fosse como fosse, retorquiu Miguel Ritter com amargura; o que lamento é que a terra, que ha vinte annos cultivo, e que adquiri á força de trabalho e de preserverança, passe agora para as mãos de um

—Tenho poucas esperanças de que ella me seja favoravel... murmurou elle com tristeza. Christiano Loffman é novo e energico... e de certo tem muitos amigos, que hão de interessar-se por elle... Talvez a esta hora eu esteja já legalmente despojado do que sempre julguei propriedade minha...

Florencia soltou um fundo suspiro, e ficou silenciosa. Ritter notou que a irmã cahira em tristeza.



EDIPE E ANTIGONE

sa dívida, hei de ser despojado do que é meu! E hade esse Christiano Loffman, que o demonio confunda, ter o direito de me accusar de captação!!

—Nota, meu querido irmão, que Christiano Loffman não nos conhece, replicou com brandura a donzella, que tentava por todos os modos tranquillisar

estranho, que nenhum outro direito tem: sobre ella scção o acaso do nascimento!

—Mas isso não é facto consummado; a sentença não foi ainda pronunciada... disse Florencia vivamente.

Miguel Ritter abanou a cabeça.

—Valha-me Deus... disse elle, fazendo um esforço sobre si proprio. Conduzi-te aqui para te distrahir, e afinal começo a fallar-te na nossa eterna questão... O que eu queria era um qualquer espectáculo, que me impressionasse, que pudesse arrancar-me a esta preocupação de todos os instantes...

No momento em que Ritter acabava de pronunciar estas palavras, os dois irmãos chegavam á extremidade da rua, e acharam-se á entrada de uma especie de sala de verdura, onde se viam ainda algumas pessoas: Era ali o lugar destinado ás ascensões aerostáticas. A uns dois ou tres metros acima da terra agitava-se graciosamente um balão captivo, de que pendia uma elegante barquinha, a qual, seguindo as suaves oscillações d'aquelle, parecia fluctuar preguiçosamente sobre a relva.

Florencia deixou escapar dos labios uma exclamação de surpresa e de admiração. Educada sempre longe da cidade, era aquella a primeira vez em que via um aerostato de perto e em todos os seus detalhes.

—Dois logares! dois logares! bradava o homem encarregado de regular a subida e descida do balão.

Miguel Ritter olhou para a barquinha, dentro da qual acabava de tomar lugar um homem ainda muito novo, que vestia um traje completo de viagem, e que tinha na mão um pau ferrado, igual aos que de ordinario usam os viajantes nas excursões pelas montanhas.

—Dois logares! repetiu Ritter.

E, voltando-se para Florencia, perguntou-lhe sorrindo:

—Queres fazer uma viagem acima das arvores?

—Ha perigo? replicou a donzella com uma tal ou qual hesitação.

—Nenhum, menina, nenhuma, apressou-se a responder o guarda do aerostato. Já tenho assistido á ascensão de mais de dez mil christãos, e ainda não vi acontecer o mais pequeno incidente desagradavel.

—E poderemos descer quando quizermos?

—Bastará para isso puchar aquelle cordão, que fará resoar uma campainha existente na barquinha...

Florencia parecia ainda indecisa. Com quanto se sentisse dominada por um certo receio, a originalidade de uma tal viagem tentava-a... De mais, habituada como estava a associar-se sem discutir a todos os actos e resoluções de seu irmão, declarou, ao cabo de alguns momentos de reflexão, que estava prompta a fazer o que elle decidisse.

—Pois bem! faremos então uma viagem aerea! disse Miguel Ritter.

E, aproximando-se da barquinha, os dois irmãos tomaram lugar em frente do homem, que já ali se achava.

Logo em seguida o guarda começou a desenrolar a pouco e pouco as cordas, que seguravam o balão, e este elevou-se vagarosamente nos ares.

A donzella, quando sentiu o movimento da barquinha, perdeu a côr e não poudo conter um grito de susto. O desconhecido avançou logo a mão para o cordão da campainha.

—Quer que faça o signal para descermos, minha senhora? perguntou elle sorrindo.

—Mil agradecimentos, senhor, respondeu Florencia, diligenciando tranquillisar-se. Passados os primeiros momentos, habituar-me-hei a esta sensação...

—Vê que formoso espectáculo! interrompeu Miguel Ritter, dirigindo-se á irmã. Eis-nos já acima das arvores.

A donzella olhou para baixo, e a singularidade do espectáculo dissipou no espirito d'ella os receios, que ainda sentia,

O olhar abraçava agora á vol d'oiseau todas as partes, de que se compunha o Jardim da Cabana. Logo abaixo do balão estendia-se a explanada, na

qual se achava agglomerada uma grande multidão cujas vozes mal chegavam já aos nossos viajantes aereos. A atmosphera, impregnada dos perfumes terrestres, tinha frescura excitante. Florencia voltou-se para o irmão com o rosto radiante de jubilo.

—Como é bello e grande tudo o que nos rodeia! exclamou ella. Não te sentes agora mais tranquillo, mais feliz do que ha pouco, meu querido Miguel?

—Sinto, sim, respondeu Ritter. A sensação phisica communica-se á alma, e affigura-se-me que adejo acima das iniquidades dos homens, da mesma forma que estou acima das suas moradas... Mas... porque será que está uma tão grande multidão reunida na explanada?

—Espera o fogo de artificio, respondeu o desconhecido.

—Ah! é verdade... Sobem agora os primeiros foguetes, disse Florencia.

Passaram-se alguns momentos. De subito o desconhecido exclamou:

—Vejam, vejam: caiu por terra a armação de madeira, que sustentava as principaes peças de fogo...

—Mas então os curiosos ficaram privados do espectáculo, que esperavam?

—De certo. Não ouvem a vozzeria da multidão?..

Os tres viajantes aereos seguiam attentamente com o olhar os movimentos da turba.

—Oh! exclamou Miguel Ritter. A multidão atropella os canteiros, quebra as cadeiras, arranca os arbustos... Vingá-se a seu modo do logro, que sofreu...

—Que felicidade não estarmos agora no meio d'aquelle tumulto! accrescentou Florencia.

—Estás tranquilla? lhe perguntou Ritter sorrindo.

—Completamente.

—Então podemos ainda subir um pouco mais.

O balão continuou a elevar-se durante alguns momentos, e por fim parou.

Os tres viajantes soltaram quasi ao mesmo tempo uma exclamação de surpresa.

Debaixo dos seus pés estendiam-se, em toda a distancia que o olhar podia alcançar, magnificos vales semeados de florestas, de prados, de campos cultivados, e de povoações, cujas côres e contornos variados formavam mil arabescos caprichosos. A Floresta Negra para os lados de Wurtemberg, e o Rheno para os da França, serviam como que de moldura áquelle esplendido quadro, ao passo que se via serpear ao longe, e perder-se no horizonte, o Necker povoado de velas que semelhavam outras tantas azas de cysne.

(Continua)

ROSICLER

(DE H. HEINE)

Amo não sei que flôr, seu casto amor suspiro
com fmo extremo. Em vão
em cada calix de ouro attentamente inquiri,
inquiri um coração.

Soluça o rouxinol nas sombras da espessura;
rescende o matagal.
Procuo um coração que enlute igual tristura,
retalhe dôr igual.

Soluça o rouxinol e eu tristemente entendo
seu triste soluçar...

Pois se nos mata, aos dous, o mesmo mal tremendo
no mesmo atroz pesar!

*
Descantam na espessura as arvores, os ninhos,
as montas brandamente;
balouçam nos trigaes ignotos murmuriosos...
Quem é da verde orchestra o musical regente?

Será um meiro astuto? o triste, o presumido,
o rutilo pavão?
o marigudo grou, o eterno embevecido,
a pompear n'um pé com ar sensaborão?

A garça solitaria? a estúpida cegonha
que estende o bico mudo,
e pasma eternamente, e eternamente sonha,
enquanto tudo canta, e vibra alegre tudo?

Não! Da divina orchestra assenta-se em meu peito
o eterno director.

Com que segura mão, com que potente geito,
move a batuta eburnea! És tu, amor, amor!

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

HORAS D'OCIO

Charadas novissimas

No navio esta ave nos aquece — 1, 2
No corpo este poeta é tolo — 1, 2

MASCOTTE

*
Charada

Quando a risonha aurora alem vai despontando,
E as perolas do rocio, em crystal, vão brilhando,
A flôr setinea é bella, a quem dou meus carinhos,
Esparge o seu aroma até aos meigos ninhos. } 2

Ao longe, a terna voz d'um cherubim formoso
Desprendeu a canção em verso harmonioso!
No seu canto de amor, no canto de alegria,
A nota mais vibrante ao perto estremecia. } 1

Enquanto a natureza as suas gallas mostra,
Na estrada um velho triste, a quem a dor já prostra,
A custo vai seguindo a loura erianciacha:
Seu filho — um engeitado! — Uma alma que definha!

E o pai, o pai ingrato, ao innocente ensina
Da sua lei perversa a negra e vil doutrina...
Mas Deus, esse Bom Pae, que a lei mais sabia rege
Ao céu então chamou o filho do hereje.

E elle, sem ter nome, o pária, o assassino,
Vai triste caminhando ao seu fatal destino!
Ao perpassar, a turba aponta-lhe, sorrindo,
Os ferros da prisão, o seu tormento infindo!

E ninguem se condoe ao vel-o magoado,
Sem foças, sem amparo, em miserrimo estado!
A voz da multidão, em um sarcasmo ardente,
As faces já lhe atira o nome de — insolente.

Cuba

MATHEUS PERES.

*
Enygma

E' uma cor; portugueza
pelo avesso com certeza.
Antepõe a prima ao fim,
vista de dia, é assim

GANDAREZ

Soluções dos problemas do n.º 10

Charadas novissimas.—1.ª Niçoa; 2.ª Sagaz; 3.ª Chacal; 4.ª Safari; 5.ª Tavira; 6.ª Vicio; 7.ª Marota; 8.ª Lidador; 9.ª Apolonia; 10.ª Leal.

Embrulhada litterario-anagrammatica — Castilho, Saldanha, Herculano.

Charada—Soneto.

Soluções certas

Charadas novissimas—Elisa Basto, A. Marques Guedes (Vizeu), Carmelita, Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão), A. Z., Benedicta Barros (Setubal), Augusto V. (Villa-Franca), B. C. (Vianna do Castello).

Embrulhada litterario-anogrammatica — Elisa Basto Ayde (Vizeu), Juanito, Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão), Nadege (Coimbra), Vasco (Coimbra), Benedicta Barros (Setubal).

Charada—Vasco (Coimbra), Carmelita, Carmo e Sousa, Lourenço de Magalhães (Villa Nova de Portimão).

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 96)

XIX

—Mas a coisa é outra, respondeu Rotentout. Trata-se de um cavalheiro de industria, com um passado horroroso, que deve esperar toda a sorte de castigo; mas quando estiver casado, e possuidor de uma bella fortuna, mais lhe ha de custar a expiação... Eis a ideia do sr. Valençon.

—Eu penso de outra forma, tornou Morlant, e hei de seguir os ditames da consciencia. O casamento está proximo a effectuar-se; mas, como quero fazer tudo o melhor possível, encarrego-o na sua qualidade de homem habil e fino, de entregar até amanhã á noite o aviso, que passo a escrever; se teimar, peor para ella!

—Bem; vou arranjar-me de maneira que nunca possam reconhecer-me.

E entrou no quarto proximo para fazer a sua toilette.

O advogado começou a escrever como quem piza maduramente uma e cada uma das palavras. Quando vio reaparecer João Rotentout, desatou a rir ás gargalhadas, tão comica era a figura, em que elle se apresentou; e com os movimentos que fez, deitou por terra a meza, cabindo a vela, e a pasta, cujo conteúdo se espalhou no chão.

Accendeu-se novamente a vela, apanharam-se os papeis; mas no meio d'aquella confusão, em vez de metter no sobrescripto a carta que acabara de escrever, metteu outra que tinha recebido pela manhã, e que o emissario foi entregar a Paulina.

A forma violenta, por que João Rotentout se despediu das duas senhoras, era uma feição do seu character, que será mais amplamente accentuado.

XX

Avisinhava-se o dia do casamento, e nenhum outro incidente occorreu que podesse modificar a resolução de Paulina e do visconde.

Das certidões de idade constava que o noivo tinha por nome Felix Donaciano de Monaville, que nascera em Termini na Sicilia, no anno de 1833, e que era filho do visconde Emifiano Cornelio, e da marquesa d'Alcama, Julia Mazzara. Tambem se apresentaram as certidões d'obito do pae e da mãe.

Paulina tinha nascido em Tours no anno de 1850, e era filha de Martinho Guipport, vulgo Desherbiers, e de Antonia Pierry. Tambem estava legalmente provada a morte do pae e da mãe.

A ninguem occorreu a minima suspeita sobre a authenticidade d'estes documentos. Justino Desherbiers era muito conhecido e gosava de excellente reputação, e o facto de ter dado a neta em casamento ao visconde de Monaville collocava o noivo ao abrigo de qualquer supposição desfavoravel.

Decidiu-se que o casamento fosse feito sem pompa, discutindo-se apenas o paiz em que passariam a lua de mel. Paulina não queria ouvir fallar na Allemanha; o seu desejo era ir para a Lorena, berço dos antepassados do noivo. Este porem declarou terminantemente, que não iria para uma provincia, cuja maior parte fora cedida aos inimigos contra quem pelejara.

—Então, vamos para a Italia, disse Paulina; vamos ver a Sicilia, a terra de tua mãe, e a tua...

—E os salteadores! objectou Donaciano.

O avô poz termo á discussão propouo que fossem á Suissa, o que ficou assentado.

No dia do casamento, quando Paulina pronunciou o «sim» que a ligou indissolvelmente ao homem, que amava, este e Luigi San Marco trocaram entre si um olhar cuja significação era: «Até que emfim! triumphei!»

A noiva estava alegrissima, e era facil conhecer que a alegria vinha do coração.

Ao sahirem da igreja, Donaciano, que levava Paulina pelo braço, sentio que lhe batiam no hombro, voltou-se e deu com René Morlant, que lhe disse em tom ironico: «Até logo, Claudio Péchel!»

Donaciano proseguiu no seu caminho, como quem não comprehendia o que se acabava de passar.

SEGUNDA PARTE

I

A uma pequena distancia de Reims, não longe da estrada, que corre para Chalons, fica uma casa de campo formada de duas partes distinctas; uma completamente moderna, e outra que faz lembrar as construcções da idade media.

Essa propriedade era habitada em 1871 pelo seu possuidor, de quem é preciso dizer algumas palavras porque é um personagem importante n'esta narração.

Heitor Valençon era natural de Charleville, filho d'um belga e d'uma brasileira. O pae tendo ganho na Bahia uma fortuna colossal, veio para a Europa acompanhado da esposa.

Heitor mostrou desde creança muita vocação para a vida militar, e depois de cruzar os collegios entrou para a Escola Polytechnica.

Bem feito, de phisionomia marcial illuminado por um olhar d'agua, de character firme e intelligencia prompta, chegou cedo ao posto de capitão. É verdade que se distinguiu em Alges, onde passou um anno.

Tinha deante de si o mais bello futuro militar, quando se enamorou de uma rapariga de Reims, com quem não podia casar sem abandonar o serviço. Deu a sua demissão, e quando estava perto o dia do casamento, morreu-lhe a noiva.

Sem pae nem mãe, senhor talvez de um milhão e meio, foi viajar, e depois, como possuía grandes propriedades ruraes, fez-se agronomo.

Mas a lembrança da sua desventurada noiva transportava-o muitas vezes a Reims, e sabendo que se ia vender a casa, que descrevemos, e que é o castello de Poicy, comprou-a, e para lá foi morar com um creado por nome João Rotentout, antigo militar, e a quem elle se affeioou muito pela sua grande dedicação, e pela alegria caustica de que era dotado.

Quando rebentou a guerra em 1870, tinha elle quarenta e nove annos; mas estava cheio de força e de vigor.

Abrazado em patriotismo alistou-se no exército, e preferiu formar um corpo de franco-atiradores, que foi legalmente reconhecido pelo poder.

Donaciano de Monaville fazia parte d'esse corpo como simples soldado, sabendo conciliar a geral estima e affeição. Era, de feito, extremamente sympathico ver um mancebo nobre, que se expunha a todos os perigos para defender a patria.

Porém, antes da guerra chegar ao seu termo, o bravo coronel foi posto fora de combate, sendo necessario amputar-lhe ambas as pernas.

II

Por consequencia na primavera de 1871 encontramos Heitor Valençon no jardim do seu magnifico palacio de Touy. Está sentado n'uma cadeira de rodas, que elle pôde fazer andar, mas esta especie de vehiculo é quasi sempre movida pelo fiel Rotentout.

Chegado á porta da entrada, Valençon olha em torno de si, tira o relógio e diz:

—Demora-se quasi uma hora; pois elle é pontuallissimo.

—Naturalmente houve coisa extraordinaria que o demerasse; o sr. Valençon não pôde passar sem elle?

—Que queres tu? René Morlant é hoje a minha maior alegria. Um coração d'oiro, uma instrucção brilhante, espirito, graça, possui tudo o que pôde ser agradável a um homem nas minhas condições. Mas, olha... elleahi vem.

Effectivamente chegou o advogado René Morlant. Este era tambem natural de Charleville, e ficando orphão muito creança, foi recebido por um tio advogado, que, reconhecendo n'elle uma decidida vocação para o fóro, mandou-o estudar em Paris.

Quando concluiu o curso, morreu o tio legando-lhe quanto possuia. Posto que rico, principiou a praticar, com o intuito de seguir a carreira por simples philantropia, dedicando-se á defeza das viuvas e dos orphãos. Não poupava dinheiro nem trabalho quando queria fazer triumphar os pobres contra os ricos, se a justiça pertencia aos primeiros.

A tarefa que se impoz, trouxe-lhe grandes desgostos, odios e ingratidões, mas deu-lhe um perfeito conhecimento dos homens e das coisas.

Havia já um anno que se affastara dos negocios forenses por motivo de doença, quando se ateiou a guerra da Franca com a Prussia.

Sendo amigo intimo de um medico militar, cuja obrigação era acompanhar o exercito, René Morlant seguiu-o tambem, fez-se membro da Cruz Vermelha, e foi tratar dos feridos.

D'esta sorte é que travou relações com Heitor Valençon, a quem se affeioára ainda mais porque eram da mesma terra.

Terminada a campanha, René Morlant veio cumprir a promessa, que tinha feito ao amigo, de passar algum tempo em sua casa. Eil-o pois no castello de Touy recebido com a mais viva alegria do pobre mutilado.

III

Era já noite, o vento era forte, e Heitor Valençon quiz entrar para dentro de casa. Bebia gostosamente uma garrafa de Borgonha em companhia do amigo, quando entrou João Rotentout muito azafamado.

—Meu coronel... lembra-se com certeza do sargento Courbousson, que estava a seu lado quando lhe aconteceu essa desgraça, e que desapareceu, quando foi preciso acudir ao coronel...

—Lembro-me sim; e então?

—Pois elle está ahi, e quer vel-o.

— Que diabo quererá? que venha amanhã.

— Já lhe disse que o coronel estava com um amigo íntimo; e elle respondeu-me que não sabe se estará vivo amanhã. E parece estar muito mal.

— N'esse caso, manda-o entrar.

Momentos depois apresentava-se um homem ainda novo, miseravelmente vestido, cadaverico, pallido, com os olhos encovados.

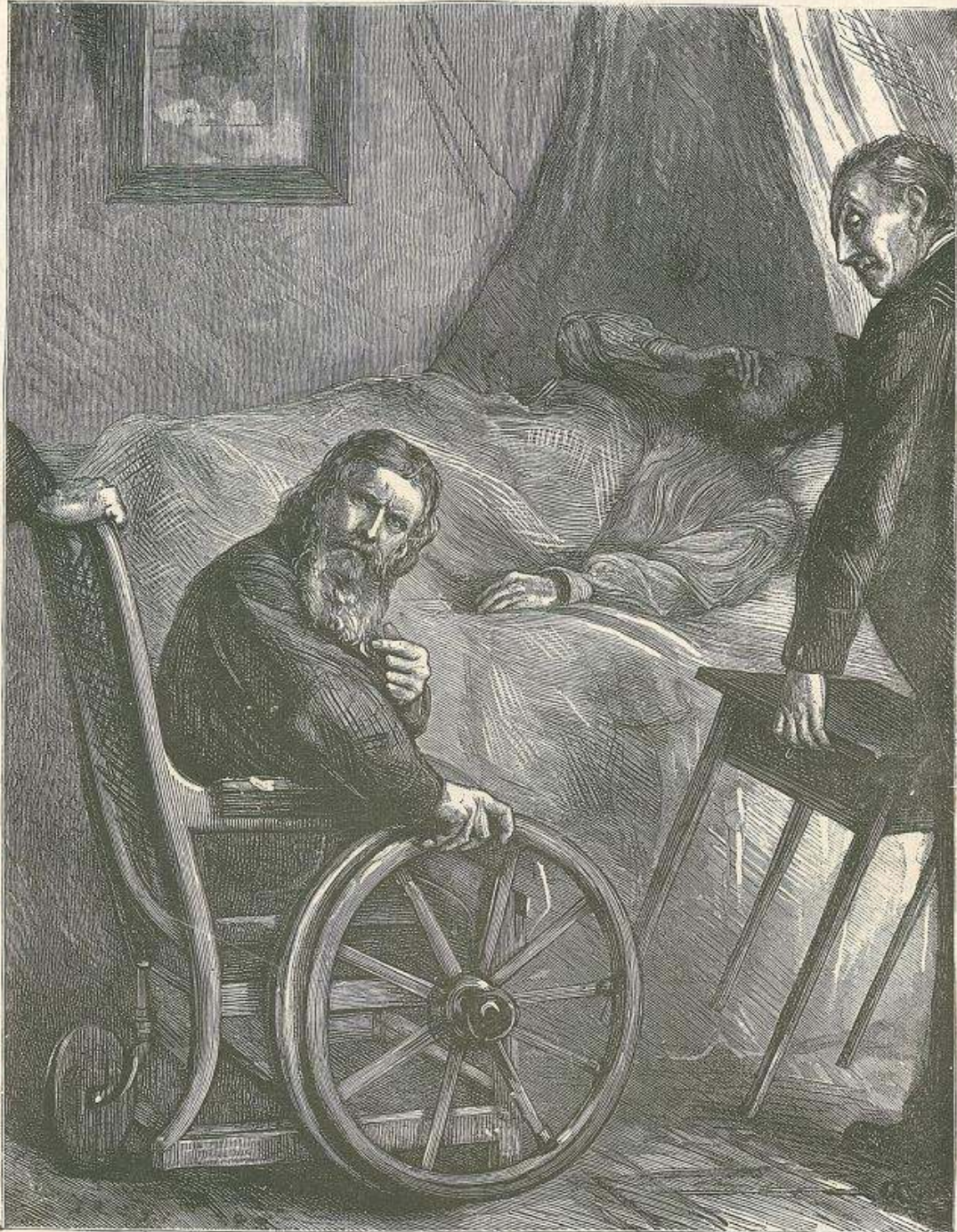
mereço ser fusilado n'este mundo, e ir para o inferno lá no outro.

Fechou os olhos e ficou como immovel. Rotentout quiz levantá-lo, mas o homem parecia inanimado. René Morlant tambem fez diligencia para que elle voltasse a si.

— Não está morto, disse o advogado; mas a fraqueza, e sobretudo a grande agitação, produziram

principiou a fallar e pediu para vêr Heitor Valençon. Este foi ao quarto.

— Meu coronel, disse o sargento, arrastei-me até aqui para fazer-lhe uma confissão. Tenho remorsos, muitos remorsos! Sou um criminoso, um traidor, um cumplice do visconde de Monville e do tal italiano amigo d'elle... Fomos nós tres a causa da sua desgraça, meu caro coronel. Vou contar-lhe tudo...



UM PASSADO TENEBROSO — O homem sem pernas

— Olá, sargento! Se te encontrasse á paizana, com essa barba, não te conhecia. Rotentout, traze um copo de vinho para este bravo.

E o homem arrastou-se para a cadeira, que lhe era designada, sentou-se, e com grande surpresa dos dois ouvintes tapou a cara com as mãos e principiou a chorar.

Depois, como desvairado, lançou-se aos pés do antigo commandante, dizendo:

— Perdão, meu coronel, perdão! Sou um infame!

um deliquio... Ainda assim acho-o muito mal.

— João, disse Valençon, é preciso deitar esse homem commodamente, e chamar já o medico.

— Vou já deital-o na minha cama.

E ajudado pelo advogado transportou o sargento para o seu quarto, que era contiguo ao do patrão. Quando chegou o medico, ainda o estado do doente era o mesmo. Reanimou-se um pouco em virtude dos remedios, mas o doutor não lhe dava muitas horas de vida. De madrugada sentiu-se mais forte,

Mas quero que tambem oiça aquelle sujeito, que estava cá hontem.

Rotentout abriu a porta, Morlant entrou e ficou de pé, atraz da cadeira de Heitor.

Durante esse tempo o moribundo estava immovel, de olhos fechados, não na testa; parecia que desejava recolher-se completamente em si antes de fazer a sua terrivel confissão.

(Continua)